



Da autora de Amy & Matthew

-----  
Cammie McGovern



# BELINDA & EM



A pior coisa que você pode  
fazer é não fazer nada.

Tradução  
Alda de Lima

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2017

## CAPÍTULO UM

# EMILY

EM NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO COM a diretora do Centro de Aprendizado para a Vida, Lucas não fala comigo nenhuma vez. Elaine, a diretora, nos agradece por “doar nosso tempo”, mesmo sabendo que não estamos ali voluntariamente. Todos nós sabemos disso.

— Vocês têm uma escolha — diz ela. — Podem vir aos sábados de manhã e fazer trabalho administrativo, ou podem vir às quartas à noite para uma aula chamada Limites e Relacionamentos, durante a qual recapitulamos as regras básicas de socialização e namoro para jovens adultos com dificuldades de desenvolvimento. Mesmo que sejam alguns anos mais novos, poderão dar exemplos de uma abordagem típica de um parceiro no caso de amizades e encontros. Eles terão interesse em saber o que vocês fazem quando saem com alguém, e em como fazem novos amigos, esse tipo de coisa.

Posso até imaginar o que meu amigo Richard vai dizer quando eu contar a ele sobre isso. “Espere, estão usando *você* como exemplo para falar de namoro?”

Eu me viro e olho para Lucas. Fico esperando ele dizer: “Vou querer o trabalho administrativo, obrigado.” Considerando a situação, a ideia de me sentar com um grupo de adultos com deficiência em busca de encontros parece... Bem, tipo mais que a encomenda para nós dois. Exceto que eis a surpresa: eu quero fazer a aula. Sou péssima em trabalhos administrativos. Além disso, sou curiosa.

Então, antes que eu consiga começar a falar, Lucas anuncia:

— Tá, vou escolher a aula. — Ele nem olha para mim. Parece estar fingindo que não estou na sala.

— Eu também — digo. Não vou fazer trabalho administrativo só porque ficar na mesma sala com Lucas vai ser superdesconfortável. Esquece.

Na quarta-feira seguinte, chegamos uma hora antes da aula começar para nos reunirmos com Mary, a professora, e conversamos sobre o que ela espera de nós. Aparentemente não muito, pelo menos no começo. Ela diz que, na maior parte do tempo, vamos apenas fazer as atividades com o restante do grupo.

— Fazemos algumas simulações toda aula, e pode ser que eu peça para participarem de algumas delas. Algum de vocês dois tem alguma experiência em atuar?

Olho para Lucas, que ainda se recusa a olhar para mim.

— Não — responde ele.

— Alguma — digo. — Quando eu era mais nova. Não faço isso há um bom tempo.

Mary sorri para mim, como se já soubesse que eu provavelmente vou me sair melhor nisso do que Lucas. Lucas joga futebol americano em nossa escola, o que significa que ele é enorme e — sem maldade — um pouco assustador.

— Maravilhoso, Emily — elogia Mary. — Tem alguma experiência com improvisações?

— Um pouco — respondo. — Fiz parte de uma trupe de comediantes uma vez, só que não éramos muito engraçados. — No ensino fundamental, o pessoal do clube de teatro tentou começar um grupo de improvisação. Duramos um semestre antes de desistirmos.

Mary riu.

— Ah, eu sei bem como é isso. Não se preocupe, não estamos atuando para fazer as pessoas rirem por aqui, graças a Deus.

Terminamos vinte minutos antes de a aula começar, então Mary nos orienta a aguardar no lobby até os outros alunos chegarem. É desconfortável, é claro, assim como foi ficar sentada em cada sala de espera ao lado de Lucas durante as duas últimas semanas. Ele pega o celular, como de costume. Eu pego um livro, como de costume. Depois de cinco minutos, não consigo mais suportar e me inclino em sua direção.

— Sou a Emily, a propósito. Sei que você é o Lucas, mas talvez você não saiba meu nome, então aí está. Emily.

Ele levanta o olhar do telefone.

— Eu sei seu nome.

Richard sempre me aconselha a não ser sarcástica demais com pessoas que não aparentam ter senso de humor. “Elas não levam numa boa”, segundo ele. “Acham que você está zombando delas. Porque geralmente você está mesmo.” Mas não consigo evitar.

— Ah, OK. Bem, considerando que vamos fazer isso juntos pelo resto do semestre, só achei que era bom ter

certeza. Não precisamos ser amigos nem nada, mas talvez um olá de vez em quando não mate.

— Não tenho tanta certeza — responde Lucas, girando na cadeira. — Isso pode nos matar. Veremos.

Posso até escutar a voz de Richard na minha cabeça: *Você não devia andar por aí dizendo para pessoas estúpidas o que se passa em sua cabeça o tempo todo. Em primeiro lugar, elas não vão entender o que você está dizendo porque são estúpidas. Em segundo lugar, elas vão odiar você.*

Mas eu quero. Eu quero dizer: *Olhe, Lucas, por que não tentamos fazer isso dar certo? Por que não admitimos a culpa que ambos sentimos em relação a Belinda fazendo um trabalho decente aqui? Ou talvez para Lucas eu devesse dizer isso de forma diferente: Por que não para de agir como um babaca em relação a isso?*

Mary aparece antes de eu poder dizer mais alguma coisa.

— Olá novamente! Esse grupo geralmente entra pelos fundos, então já estão todos aqui, prontos para conhecer os dois.

Nós nos levantamos, e, de repente, estou mais nervosa do que esperava estar. Não conheço ninguém com deficiência. Não tenho mais certeza de por que achei que isso seria boa ideia.

Mary nos acompanha pelo corredor e abre a porta de uma sala pintada de cores fortes, com mais ou menos uma dúzia de pessoas sentadas em círculo. É bastante evidente que todos têm alguma deficiência. Apesar de não haver ninguém em cadeira de rodas, todos parecem um pouco diferentes. Uma mulher veste um suéter verde-limão, cal-

ças de moletom e chinelos. Um homem está usando um gorro de lã e luvas, mesmo que não esteja frio na sala, nem do lado de fora, para falar a verdade.

— Tudo bem, pessoal, gostaria de apresentar a Emily e o Lucas. Eles serão nossos novos voluntários nesta sessão. Os dois estão no ensino médio, o que significa que são um pouco mais novos que vocês, então, se lembram do que isso significa? — Ela sorri, como se eles tivessem uma piadinha interna sobre estudantes do ensino médio.

Aparentemente eles têm, porque uma onda de risadas se espalha pelo grupo.

— Significa que vocês não vão dizer nada chocante demais, especialmente não no primeiro dia, certo, Simon? Combinado, Thomas? — continua Mary, e todos riem novamente. — OK, o que fazemos quando temos gente nova na classe?

Duas pessoas levantam a mão. A mulher de suéter verde diz:

— Famosos pergnts.

Lucas e eu quase nos entreolhamos, mas não o fazemos. É impossível entender o que ela está dizendo.

— Isso mesmo, Francine — diz Mary. — Cada um pode fazer uma pergunta a eles. Quem gostaria de começar?

Seis pessoas levantam a mão. Mary ri.

— Lembrem-se, precisam ser perguntas *apropriadas*. — Duas pessoas baixam a mão. Mary ri novamente. — Tudo bem. Sheila, por que não começa?

Uma mulher alta, de cabelos castanhos cacheados, se levanta e rodopia, de modo que sua saia rode um pouco.

— Esta pergunta é para a garota. Conhece minha amiga Susan?

Olho para Mary. *Eu deveria conhecer a Susan?*

— Acho que não. Ela faz esta aula?

— Não, mas eu poderia apresentar vocês! Quer conhecer a Susan?

— Foram duas perguntas, Sheila — diz um homem de óculos de lentes grossas sentado ao seu lado. Ele parece provavelmente ter síndrome de Down. — A Mary falou uma pergunta para cada um.

Mary concorda com a cabeça.

— Eu disse isso mesmo, Sheila. Sinto muito. Pode fazer sua segunda pergunta para a Emily no intervalo. Thomas, tem alguma pergunta para o Lucas ou para a Emily?

— Sim. — O homem ao lado de Sheila se levanta e olha para o teto enquanto fala. — É para o garoto. Você tem algum filme, seriado ou atividade favorita? — Ele volta a se sentar.

— É, deixe-me ver... — começa Lucas. A voz parece estranha, quase sussurrada.

Eu me pergunto se Lucas está tão nervoso quanto eu. Não sei o que eu estava esperando, mas agora que estou aqui, essas pessoas de repente parecem... bem, *realmente* ter deficiência. Um deles é deficiente visual, a julgar pela bengala pousada em seu colo. O outro está mais concentrado em tirar meleca do nariz que em qualquer coisa que estejamos dizendo.

— Eu jogo futebol, então tenho treino quase todas as tardes — continua Lucas, e eu fico surpresa. Ele *está* nervoso. Dá para ver pela maneira como seca a palma das mãos na frente da camisa. — Então não assisto a muitos filmes nem séries.

Mais alguém levanta a mão.

— Para que time você joga?

— O time da Westchester High — responde ele.

Em qualquer outro grupo, ouvir aquilo resultaria em assovios ou aplausos, porque atualmente nós somos os líderes invictos de nossa divisão, rumo ao nosso primeiro campeonato estadual. Quando digo “nós” é claro que quero dizer o time de futebol, no qual não tenho nenhum amigo e com o qual não tenho nenhuma relação. Mesmo assim, não dá para andar pelos mesmos corredores cheios de armários e não saber das estatísticas. Todo mundo está meio deslumbrado com nossos jogadores de futebol americano este ano.

Todo mundo exceto aquele grupo, aparentemente, porque ninguém diz nada.

Depois disso, as perguntas ficam mais aleatórias. Já fomos ao Grand Canyon? Sabemos fazer lasanha? Sabíamos que uma pessoa da sala ganhou uma medalha de ouro nas Paralimpíadas?

Ao ouvir isso, Lucas ergue as sobrancelhas, surpreso.

— *Sério?* — pergunta, parecendo genuinamente impressionado. — Quem?

Uma mulher baixinha, com um corte de cabelo parecendo um capacete, levanta a mão.

— Foi nas Olimpíadas de *Inverno* pelo *boliche*. — Ela suspira profundamente, como se estivesse meio cansada de falar daquilo.

Lucas ri. É a primeira vez que o vejo fazer isso. Não sei bem se estou imaginando, mas parece que falar sobre futebol, e em seguida *parar* de falar sobre futebol, melhorou seu humor.

— Medalha de ouro! — exclama ele. — Isso é incrível.



Depois de todos fazerem suas perguntas, Mary revela que existe uma segunda tradição para os voluntários novatos. Enquanto o restante da classe trabalha em outra atividade, Lucas e eu vamos nos juntar, individualmente, a um integrante da turma que vai nos entrevistar para que possamos ser apresentados de maneira mais completa no final da aula.

— Ótimo! — digo, alto demais, porque não quero que ela perceba o quanto aquilo me deixa nervosa. Não sei se Mary percebe que é praticamente impossível entender o que metade dessas pessoas diz. Só passamos pelas perguntas delas porque ela estava aqui, traduzindo. Felizmente, meu par é Harrison, o que tem deficiência visual e que é fácil de entender.

Mary aponta para duas carteiras no canto e diz:

— A Emily vai mostrar a você onde devem ficar, Harrison. — Ela coloca a mão dele no meu cotovelo, e ele se levanta. Fico surpresa com o alívio que sinto, guiando-o pela sala. *Posso fazer isso, penso. Posso ajudar de forma decente.* Então nos sentamos em duas carteiras, de frente um para o outro, e durante um bom tempo nenhum de nós dois, ao que parece, consegue pensar em alguma coisa para dizer. Depois de um silêncio bastante desconfortável, ele começa:

— Tudo bem, você gosta de Wiffle Ball?

— Hum. Acho que nunca joguei.

Ele assente.

— OK.

Segue-se mais um silêncio demorado, como se, no que diz respeito a Harrison, a entrevista tivesse terminado. Por fim, me inclino para a frente e sussurro:

— Quer me fazer mais alguma pergunta?

— Não — decreta ele. — É sua vez.

— Ah. — Olho para Lucas e seu par e percebo que ele tem razão. Aparentemente é para entrevistarmos um ao outro, porque Lucas está perguntando alguma coisa a seu par. — O que você gosta de fazer?

Harrison dá de ombros.

— Sei lá. Comer, acho.

— Tudo bem. Você tem algum hobby?

— É minha vez.

— Ah é, desculpe.

— Você tem algum hobby?

Agora que ele está me perguntando aquilo, percebo que é uma pergunta difícil. Estou no último ano do ensino médio, fazendo três aulas avançadas, com as candidaturas para as faculdades pairando sobre minha cabeça, como uma nuvem negra. Sou copresidente da Coalizão para a Ação Jovem de nossa escola, junto de meu amigo Richard, atividade com a qual me sinto bastante comprometida, mas que não considero exatamente um hobby. Começo a explicar isso, mas Harrison me interrompe:

— Tudo bem, já chega. Sua vez de perguntar. — É claro que já chega. Ele é cego e não tem como escrever nada daquilo.

Olho para Lucas para ver se ele está se saindo melhor com sua parceira. Parece que sim, mas ele está com Francine, a medalhista de ouro no boliche, que é simpática e fácil de conversar.

— Há quanto tempo está fazendo essa aula? — pergunto. Mary tinha nos dito que a maioria dos alunos cursava aquela aula havia pelo menos um ano, então se conheciam muito bem.

— Seis anos — responde Harrison. — Tecnicamente, seis anos e catorze semanas.

— Então gosta dela?

— Gosto de algumas partes. De outras partes eu não gosto. Minha vez de perguntar.

— Certo. Sinto muito.

— Há quanto tempo está nessa aula?

— Bem... — Agora fico desesperada. Olho novamente para Lucas, que parece estar contando uma piada engraçada para Francine. Ele está rindo e apontando para a folha de papel diante dela. “Escreva logo”, ele está dizendo. — Hoje é meu primeiro dia! — respondo com uma risada falsa para que pareça que eu e Harrison também estamos nos divertindo. — Sou nova, lembra?

Ele puxa o lóbulo da orelha.

— Ah é. Esqueci.

Não sei se ele ficou com raiva por eu ter dado risada, mas ele fica em silêncio.

— Quer me perguntar mais alguma coisa? — pergunto finalmente.

Sinto-me péssima. Achei que seria boa nisso — ou melhor que Lucas Kessler, pelo menos —, mas aparentemente eu estava errada. Estou me sentindo constrangida e desconfortável, e tenho instintos terríveis. Fico imaginando o que Harrison vai dizer quando me apresentar. Neste grupo, parece haver uma tendência à honestidade que me preocupa.

— Só tenho mais uma pergunta.

— Tudo bem! — exclamo, esperançosa. Talvez isso seja um avanço, e ele vá perguntar sobre a escola ou o que eu quero fazer no futuro.

— Por que está fazendo esta aula como voluntária?

Meu rosto fica vermelho. Não sei por que não me ocorreu que alguém pudesse perguntar isso. Obviamente eu deveria ter preparado uma resposta, mas não preparei. Não consigo dizer uma palavra.

Harrison assente, como se entendesse. Ele pode ser cego, mas parece ter enxergado tudo que precisava enxergar em mim.

Mary espera até o fim da aula para que nossos pares nos apresentem. Ela pede a Francine, par de Lucas, que comece.

— O Lucas tem dezoito anos de idade e é bem bonito, mesmo sendo muito, muito gigante. Ele gosta de gatos, de algumas séries de TV das quais nunca ouvi falar e de futebol. Ele também joga futebol, mas não é pelos Patriots. Ele joga no time de alguma escola, mas não consigo lembrar o nome. Sua comida favorita é... — Ela dá uma espiada no papel em sua mão. — Não sei. Não consigo ler o que escrevi.

Ele se inclina para a frente e cochicha no ouvido dela.

— *Sério?* — pergunta ela. Todos riem. — Bolo de carne, acho. Mas não sei por quê.

Todos batem palmas. Francine sorri e se curva para a frente, agradecendo.

— Obrigada pelo ótimo trabalho, Francine — diz Mary. — Harrison, é sua vez de apresentar a Emily. — Meu coração dispara quando ele se levanta. Fico imaginando se ele vai dizer: *A Emily parece bem desconfortável por estar aqui.*

Mas não é o que acontece. Em vez disso, ele diz:

— Na semana em que a Emily nasceu, em 1996, a música número um das paradas musicais era “Because You Loved Me”, da Celine Dion.

Fico estupefata. Quando terminamos nossa entrevista, ele me perguntou em que dia eu havia nascido, incluindo o ano, mas será que isso estava certo? Todos riem e aplaudem, como se aquela fosse mais uma piada interna. Harrison sorri, agradece e volta a se sentar. Mary pergunta o dia de meu nascimento e vai até sua mesa no canto para checar em um iPad.

— Tem razão, Harrison! Muito bem, senhor!

Todos batem palmas novamente, desta vez com alguns assovios.

Não sei exatamente o que acabou de acontecer. Aparentemente Harrison não é apenas cego, ele também tem uma habilidade espantosa para memorizar todo o histórico de músicas que ocuparam o primeiro lugar da parada de sucessos da Billboard e em que data. Ele não falou nada sobre mim, mas também não foi nenhum desastre. Passamos por aquilo numa boa, ou pelo menos todos fizeram vista grossa para o péssimo trabalho que fiz em meu primeiro dia de aula.

## BELINDA

ULTIMAMENTE, TENHO ASSISTIDO MUITO A *Orgulho e preconceito*. Não a versão nova, com Keira Knightley, mas a mais antiga e mais longa, com Colin Firth. É o único DVD que vovó tem, mas ela diz que tudo bem, porque é o único DVD de que precisa. Vovó, assim como eu, ama o Sr. Darcy que também é Colin Firth.

Ultimamente, tenho assistido ao DVD o dia inteiro em vez de ir à escola.

Estudo na Westchester High School, mas é meu último ano, o que significa que eu deveria estar me divertindo para valer. Em meu primeiro dia de aula este ano, mamãe tocou uma música chamada “Anticipation”, porque ela queria me deixar menos nervosa. A cantora fica dizendo “Fique bem aqui pois estes são os bons velhos tempos”, o que me fez pensar que talvez eu devesse ficar aqui em casa, e não pegar o ônibus escolar, porque, às vezes, na escola, eu *não* sinto como se estes fossem os bons velhos tempos.

Mas peguei o ônibus mesmo assim. Então me sentei onde sempre me sento, no banco atrás do motorista. Alguns anos o motorista muda, e, em vez de um homem chamado Carl, temos uma mulher chamada Sue. Mesmo quando isso acontece, no entanto, eu nunca me sento em outro lugar que não seja bem atrás do motorista. Atrás do motorista significa que nenhum idiota do ônibus pode zombar de mim ou fazer aquelas brincadeiras em que finge ser meu amigo para depois me dar balas antes jogadas no chão sujo do ônibus. Sentar atrás do motorista significa que geralmente eu me sento ao lado de alunos da sétima série que também têm medo.

Frequento aquela escola há tanto tempo que isso não devia mais me assustar, mas às vezes assusta. Antes do primeiro dia de aula, vovó me faz lembrar das coisas que amo na escola, como meu trabalho no escritório principal, que é separar os papéis para reciclagem e entregar correspondências. Vovó também faz uma lista de todos os professores que adoro, como Rhonda, Carla e a Srta. Culpepper. A essa altura, geralmente me lembro de outras coisas de que gosto, como as laranjas do refeitório, as vitrines onde ficam expostos os trabalhos de arte e ouvir

a banda ensaiando. Vovó é melhor em me ajudar a me lembrar dessas coisas que mamãe, que tenta, mas às vezes esquece algumas coisas.

Agora tudo é diferente. Agora, vovó está tentando me fazer esquecer. Em vez de ir à escola, ela me deixa ficar em casa o dia todo, assistindo a *Orgulho e preconceito*. Quando mamãe pergunta a ela quando vou voltar para a escola, vovó responde: “Pelo amor de Deus, Lauren, deixe-a em paz. Pelo menos aqui sabemos que ela está segura.”

Mamãe e vovó não costumam brigar na minha frente. Geralmente elas não brigam muito, porque mamãe tem limitações e depressão. Mamãe faz o que pode para me ajudar, mas não preciso mais de tanta ajuda, então ela não faz muita coisa. Por exemplo, eu costumava preparar meu próprio almoço e colocá-lo na lancheira. Mas isso era quando eu ia à escola e levava o almoço. Agora não vou mais à escola, então também não preciso mais preparar meu almoço.

Fico olhando para a tela, onde Jane está tentando não chorar depois que o Sr. Bingley vai embora da cidade sem dar nenhuma explicação. Só de vê-la tentando não chorar, eu começo a chorar. Até em *Orgulho e preconceito* as pessoas são más. Elas não pensam nos sentimentos dos outros. Geralmente gosto de imaginar que sou Elizabeth, mas hoje fecho os olhos e me sinto exatamente como Jane, que achou que tinha feito um amigo e acabou descobrindo que estava errada.

Às vezes faço coisas que fazem as outras pessoas terem pensamentos desagradáveis. Se eu falo demais sobre Colin Firth, por exemplo, os professores têm pensamentos desagradáveis. Uma vez Rhonda, minha fonoaudióloga, me

contou seu pensamento desagradável: “Estou entediada de Colin Firth! Não o conheço. Ele mora longe, e não quero mais falar sobre ele!”

Nós duas rimos, mesmo que eu não tenha achado o que ela disse engraçado. Não consigo me imaginar entediada com Colin Firth. Isso é porque eu o amo e, às vezes, quando ele me olha do outro lado da tela da TV, tenho quase certeza de que ele também me ama.

Sei que não devo dizer isso em voz alta, porque se disser, as pessoas vão ter muitos pensamentos desagradáveis, como achar que sou louca. Elas vão dizer que eu não conheço o Sr. Firth e que isso significa que ele não tem como me amar. E eu teria que repetir o que minha mãe me disse: que o amor é um *sentimento*. E que você nem sempre beija quem você ama. “Às vezes você apenas ama”, disse ela.

Quando perguntei a ela: “Isso significa que as pessoas me amam também?”, ela respondeu: “Ah, é claro, Belinda, todo mundo ama você.”

Acho que ela estava falando principalmente dos professores da escola, mas acho que também poderia incluir Colin Firth. Quando ele olha para mim, eu sinto isso. Simplesmente sinto. Sinto isso com todo o meu coração.

Rhonda, minha fonoaudióloga, não concorda: “Ele é um personagem. Ele não é real. Ele está na TV, mas a TV não é real.”

Não tenho certeza de como responder a isso. Para mim ele é real. Isso não o torna real?

Nem sempre assisto a *Orgulho e preconceito*. Às vezes assisto a outros filmes antigos. Gosto de ...*E o vento levou* e de *A noviça rebelde*, só não gosto de quando Maria e o



Capitão se beijam, porque ele é velho demais e parece pai dela. Gosto da canção de Liesl e Rolfe, mesmo que depois Rolfe revele ser nazista, o que é algo terrível para alguém ser. Em minha mente, mais tarde, eu faço com que ele não seja nazista e deixo que eles se casem e sejam felizes para sempre.

A mesma coisa acontece com Scarlett, de ...*E o vento levou*. No começo, ela ama Ashley, que tem nome de menina, mas é um homem. Ashley é muito gentil, mas não ama Scarlett. Então ela conhece Rhett, que é perigoso e atraente e a ama logo de cara. Em minha imaginação, faço Ashley mudar de ideia e resolver amar Scarlett. Para ele ter alguém com quem sabe que pode contar. Ela não pode contar com Rhett. Ele é excitante, mas não confiável. Às vezes excitante é exatamente o que você *não* deve querer em um garoto.

Aprendi isso com outros filmes sobre garotos excitantes, mas não confiáveis. Você precisa ter cuidado com eles, porque, muitas vezes, eles são bonitos também. Então é meio confuso.

“Conheço alguns homens assim — eles são tão bonitos que não consigo conversar”, diz mamãe. “Estou falando sério. Minha boca fica seca. É como se alguém tivesse colado minha boca.”

Conheço essa sensação. Acontece comigo toda vez que assisto a *Orgulho e preconceito*, estrelando Colin Firth. Não consigo dizer nada. Às vezes tento assistir sem piscar, e também não consigo. Fico tonta, como minha mãe diz que já aconteceu com ela em um encontro. Quando ela se levantou para ir ao banheiro, caiu de volta na cadeira e ficou morta de vergonha.

“É isso que acontece quando gosto de um homem”, diz mamãe. “Não consigo ser muito simpática.”

Sei como é. Já experimentei na vida real, também, não apenas assistindo a Colin Firth. Sentia isso toda vez que estava perto de Ron Moody. Às vezes só de estar perto dele, sentia vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Ou achava que meu coração ia explodir.

Eu não me sentia eu mesma. Era como se eu estivesse sofrendo um ataque cardíaco. Só que acontecia toda vez que eu o via, então não era um ataque cardíaco de verdade. Era amor. Foi isso que mamãe falou quando contei a ela. “Você está apaixonada, Belinda, e é um sentimento maravilhoso e especial...”

Ela não disse que era ruim se sentir daquele jeito, nem que era errado. Ela nem mesmo disse: “Cuidado, Belinda”, o que provavelmente deveria ter dito. Ela disse: “Você merece ser amada tanto quanto qualquer outra pessoa”, o que me deixou confusa por um tempo, e me fez pensar que talvez Ron me amasse também.

## EMILY

A VERDADE SOBRE LUCAS — E por que estamos sendo punidos — é um pouquinho mais complicada do que eu gostaria de admitir para qualquer pessoa, especialmente para Richard, que ama odiar o que ele chama de “a estrutura de classes heteronormativa representada pelo time de futebol americano”. Não sei exatamente o que ele quer dizer com isso, exceto pela parte óbvia. Jogadores de futebol têm poder demais em nossa escola, especialmente este ano,

com seu recorde de vitórias. Na hora do almoço, já vi as funcionárias os deixarem passar pela fila do refeitório sem pagar um centavo por uma bandeja cheia de comida. Já vi alunos que eles nem conhecem comprando refrigerantes para eles e carregando suas mochilas; qualquer coisa para ter três segundos de aprovação de um jogador de futebol.

Richard acha que nosso grupo de amigos é diferente, mas na verdade não é. Podemos não nos humilhar para ganhar a atenção do time de futebol, mas ainda passamos algum tempo todo almoço encarando sua mesa. Só porque *enxergamos* o problema, não significa que não façamos parte dele.

Lucas e eu nunca conversamos sobre o que aconteceu com Belinda, então não faço ideia se ele se sente culpado como eu, ou se acha que está sendo punido injustamente. Imagino que seja a segunda opção — que ele ache que o que aconteceu foi horrível, é claro, mas não sua culpa. No mínimo, ele provavelmente acha que foi mais minha culpa que dele, o que — apesar de eu não admitir para ninguém — pode ser verdade.

Ainda acho difícil entender o que aconteceu.

Na superfície, é uma história simples. Três semanas atrás, eu estava em uma partida de futebol com meus quatro melhores amigos: Richard, Barry, Weilin e Candace. Normalmente não somos grandes fãs de futebol, mas este ano todo mundo está indo aos jogos do time em casa. A cada semana, com cada vitória, o público fica maior.

Naquela noite, eu estava de péssimo humor, apesar de me sentir uma idiota ao admitir isso agora. Toby Schulz, um garoto com quem eu achava que estava flertando durante as duas semanas anteriores por meio de mensagens

de texto engraçadas e pelo Facebook, estava sentado duas fileiras à frente, clara e obviamente em um encontro com Jenny Birdwell, uma garota bonitinha do segundo ano com um rabo de cavalo louro. Três dias antes, ele tinha me enviado uma mensagem dizendo: “Devíamos sair um dia desses”, o que eu estupidamente presumi que quisesse dizer *um com o outro*. Aparentemente não era isso. Aparentemente significava que *devíamos nos sentar perto um do outro em um jogo de futebol e dizer “oi” um para o outro enquanto estou em um encontro com outra pessoa*.

Não que eu estivesse muito apaixonada por Toby. Ele parecia inteligente e um pouco mais engajado que os típicos novos recrutas da Coalizão para a Ação Jovem, que geralmente aparecem revoltados por causa de alguma questão, mas entediados em relação a todas as outras. Na primeira reunião da qual Toby participou, ele ficou até mais tarde para dizer como havia ficado impressionado com a variedade de nossas “ações” e todas as “coisas legais que estávamos fazendo”. Ele tinha cabelos castanhos cacheados e dentes ligeiramente tortos que, por algum motivo, o deixavam ainda mais bonitinho. Apoio à causa LGBT não era sua questão principal, ele nos contou, sem olhar para Richard, mas ele certamente apoiava a causa. Sua maior preocupação era o meio ambiente. Ele amava acampar, e queria que as montanhas ainda existissem para que seus filhos desfrutassem delas. Como eu poderia *não* ter uma quedinha por ele? E quando ele me mandou três mensagens de texto na semana seguinte, como eu poderia *não* achar que talvez ele também gostasse de mim?

Mas como estou sendo honesta, preciso admitir: o fato de Toby estar lá com uma menina bonita do segundo ano

não me incomodou tanto quanto uma série de julgamentos equivocados de minha parte como esse em relação a Toby. Parecia que eu ficava repetindo sem parar os mesmos erros — achando que piadas na sala de aula eram flertes, achando que garotos que pediam meu número de telefone para saber sobre algum dever de casa queriam mais meu número de telefone que o dever de casa.

Em parte culpo Richard por isso. Ele ama fingir que todo mundo é pelo menos um pouco gay e tem uma queidinha por ele. Ele se senta ao lado de Wayne Cartwright, nosso quarterback gato, na secretaria quando chega atrasado e diz que os pelos dos braços dos dois se arripiaram na direção uns dos outros. Ele sabe que não vai acontecer nada, mas mesmo assim se apega a momentos. “Pelos dos braços não mentem. Eles não podem, na verdade. Eles não têm cérebros. Apenas instinto.”

Para ele é engraçado. Ninguém espera que Wayne Cartwright milagrosamente saia do armário e misture os pelos de seus braços aos dos de Richard, mas quando eu tento sonhar grande e dizer, de brincadeira: “Acho que Toby Schulz quer me chamar para sair, mas é tímido demais”, é triste ficar sentada atrás da evidência do quanto ele não é tímido na semana seguinte. Richard não disse nada, o que fez com que eu me sentisse ainda mais patética, se é que era possível. Como se subitamente eu tivesse me tornado aquela pessoa em volta de quem todos pisam em ovos.

Essa é uma de minhas explicações para o que aconteceu naquela noite. Não é uma desculpa nem uma justificativa. Apenas uma maneira de entender como eu pude ser uma decepção tão grande para mim mesma. No final do intervalo, deixei meu grupo de fininho para comprar um refrigerante

e, no caminho de volta para meu lugar, comecei a chorar. Ridículas e vergonhosas lágrimas de autopiedade. Fui para a parte de trás das arquibancadas. Nunca choro em público — jamais — e não queria que meus amigos vissem, então achei que, se eu me permitisse chorar por um minuto, ficaria livre daquilo e estaria bem no segundo tempo.

Mas então não consegui encontrar o caminho de volta. Eu estava perto do vestiário, onde os jogadores ficam no intervalo. Era tarde; o time havia voltado ao campo sob aplausos ensurdecedores cinco minutos antes. Estávamos perdendo por sete pontos, o que era novidade para nós. Havíamos ficado tão acostumados a ganhar com margens confortáveis que o público estava ansioso, gritando e batendo com os pés no chão.

Mesmo com toda a comoção, no entanto, ouvi um barulho estranho vindo de baixo das arquibancadas. Parecia um animal. Talvez um cachorro caído e preso nas ferragens embaixo das arquibancadas. Aquilo não fazia sentido, é claro, mas era o que parecia. Estava escuro lá embaixo, havia apenas alguns feixes de luz, o que significou que precisei de alguns segundos para que minha visão se ajustasse. A princípio não vi nada, então me aproximei. *Só pode ser um cachorro*, pensei. Eu podia ouvir um gemido baixinho. Então, gradualmente, em meio à escuridão, duas figuras tomaram forma. Reconheci uma delas. Belinda Montgomery, uma garota que conheci anos antes em um grupo de teatro infantil, estava imprensada contra uma grade com um garoto parado na frente dela. Parecia que o cabelo estava preso na cerca, e seu vestido, rasgado. Por um instante pensei: *Ela está presa na grade, e ele a está tirando dali.*

Nada mais fazia sentido. A última vez que a vi, ela estava interpretando Chapeuzinho Vermelho.

Então me dei conta de que o garoto era Mitchell Breski, que fora preso uma vez na escola e levado embora em uma viatura da polícia. Nunca soubemos o porquê, mas circularam diversos rumores, a maioria envolvendo drogas. Saber disso tornou toda aquela cena ainda mais assustadora e, de certa forma, menos compreensível. *Espere*, fiquei pensando. *Espere um instante*.

Eu devia ter gritado aquilo, agora eu sei.

Eu devia ter gritado *qualquer coisa* para deixar claro que aquilo não era certo. Eu *conhecia* Belinda, mas meu cérebro não conseguia processar o que eu via: ela imprensada contra a grade daquele jeito, indefesa diante dele. Eles não podiam ser um casal, nem mesmo amigos. Eu devia ter chamado seu nome. Eu devia ter gritado: “Belinda, é você?”, mesmo sem ter dado sequer um oi para ela durante os últimos três anos. Mas não fiz isso. Fiquei completamente muda e paralisada, e me lembro de muito pouco depois disso. Só sei que, em algum momento, um jogador de futebol saiu correndo do vestiário, o que deve ter me tirado momentaneamente do estado de pânico. Talvez eu tenha pensado: *Tudo bem eu ir embora, porque agora ele está aqui e vai cuidar disso*. Eu honestamente não me lembro.

Só sei que cambaleei para fora das arquibancadas, para os rugidos barulhentos e as luzes da multidão. Sei que encontrei uma professora, a Srta. Avery, usando um cachecol e brincos de pompom e gritando “DEFESA!”, e toquei seu cotovelo.

— Tem alguma coisa acontecendo lá embaixo da arquibancada! — falei. O barulho ao redor aumentou.

— O QUÊ? — gritou ela.

— Tem alguma coisa acontecendo. Com uma garota. Embaixo das arquibancadas. — Àquela altura, as batidas de meu coração estavam mais altas que minha voz.

De uma só vez, todos ficaram de pé nas arquibancadas, gritando. Mais tarde eu soube que havíamos feito uma interceptação e corrido 45 jardas com a bola. Estávamos perdendo e viramos o jogo. Todos estavam em êxtase; gritando, se abraçando e pulando.

Então vi o jogador que estava debaixo da arquibancada correndo para o campo, e senti uma onda enorme de alívio. *Ele cuidou do assunto*, pensei. *Ele parou seja lá o que fosse que estava prestes a acontecer.*

Fiquei sentada alguns minutos até meu coração desacelerar. Quando me acalmei, voltei para a ponta da arquibancada de onde viera, e vi as sirenes de um carro de polícia piscando no estacionamento ao lado da lanchonete. A princípio fiquei surpresa, mas depois fiquei aliviada por causa do que aquilo significava: *Sim, aquele jogador chamou a polícia.*

Não dormi muito aquela noite, o que significa que meus nervos estavam à flor da pele na manhã seguinte quando li o jornal e vi um pequeno artigo na quarta página, abaixo de uma manchete que dizia: INCIDENTE LEVA POLÍCIA A JOGO DE FUTEBOL EM ESCOLA. Nenhum aluno teve o nome citado, nem foram dados muitos detalhes, mas ler aquela manchete me fez desmoronar na hora e confessar aos meus pais o que havia acontecido:

— Eu vi isso. Eu vi quando estava acontecendo e... Não sei o que me deu, mas fiquei paralisada. Não fiz nada.

Meus pais se apressaram em me tranquilizar:



— Você ficou com medo pela própria segurança, querida. Estava seguindo os seus instintos. Ninguém pode culpá-la por isso.

— Podem sim — falei para minha mãe. Quanto mais eu pensava naquilo, piores minhas atitudes pareciam. — Eu não a ajudei. Fugi e deixei outro cara cuidar daquilo. Foi horrível.

Minha mãe tentou argumentar, mas o que ela poderia ter dito? Eu não tinha feito *nada*. Finalmente, ela apertou minha mão e disse:

— Bem, graças a Deus aquele outro garoto estava lá. Parece que a garota vai ficar bem, e está na hora de todo mundo deixar isso para trás. Está *tudo bem*, Em. Da próxima vez vai ser diferente.

Era impossível saber se Belinda *estava* mesmo bem. Eu não a vi na escola, mas quase nunca nos víamos, então talvez isso não significasse muita coisa. Durante toda a semana seguinte, eu a procurei pela escola, passando na frente da sala de Competências para a Vida, onde presumi que ela passasse a maior parte do dia. Eu não a vi, mas vi alguns de seus colegas de classe, brincando uns com os outros, usando aventais uma manhã. Quando um deles me viu, perguntei:

— A Belinda está aí?

— Não — respondeu ele. — Não vemos a Belinda há algum tempo.

O que mais eu poderia fazer para descobrir se ela estava bem? Aquele dia, em vez de almoçar, fiquei do lado do escritório do departamento de esportes e li a lista de jogadores do time de futebol. Queria descobrir quem era o jogador que a salvara. Eu não tinha visto seu rosto, mas

me lembrava do número em sua camiseta, o que significava que ele era Lucas Kessler, com quem eu nunca havia feito nenhuma aula e que eu não conhecia, exceto pelo tamanho. Me lembrei de alguém um dia dizendo que ele calçava 48 e que precisava comprar sapatos sob encomenda porque ninguém produzia calçados tão grandes.

Foi só no final daquele dia, quando fui chamada à sala da orientadora, que fiquei sabendo que não precisava mais lidar com aquela culpa sozinha, mas que teria de falar sobre ela — exaustivamente, com várias autoridades, descobri mais tarde —, e que também descobri isto: eu não estava sozinha. Lucas também não havia feito nada.

Demorou mais uma semana para que eu descobrisse a história toda, mas quando finalmente descobri, mal pude acreditar. No final, Belinda havia salvado a si mesma.